

**Literatura infantil e promoção da
competência literária.¹
Leituras em torno de *O gato e o escuro*
de Mia Couto**

Fernando Fraga de Azevedo
Instituto de Estudos da Criança
Universidade do Minho
Portugal

A investigação tem demonstrado a necessidade de um contacto precoce da criança com o texto literário (Azevedo, 2003a; Azevedo, 2003b; Mendoza Fillola, 1999; Mendoza Fillola, 2003; Sánchez Corral, 1995 e Sánchez Corral, 2003), precisamente porque este, explorando com surpreendente criatividade muitas das virtualidades da língua, lhe permite aceder, de uma forma lúdica e fruitiva, a um conhecimento da mesma em toda a sua riqueza semiótica. De facto, estabelecendo uma ponte entre o imaginário e o real, a literatura infantil concretiza frequentemente efeitos rítmicos, jogos rimáticos e sugestões fónico-icónicas da língua, ilustrando e revelando muitos dos matizes semânticos das palavras e da força ilocutiva das metáforas, que as crianças, graças à interacção com os textos, aprendem a desvendar e a conhecer intuitivamente (Aguiar e Silva, 1981).

Promover a competência literária implica, no fundo, assegurar um contacto da criança com a língua naquilo que mais explicitamente a individualiza e a especifica face a outras utilizações mais correntes e utilitárias. Ora, o brincar com a dimensão significativa da língua e/ou com a dimensão conceptual da mesma, aspecto que necessariamente concretiza um acto de criação, constitui, a par da materialização do fazer de conta, inerente ao fingimento, uma das marcas que especificam utilizações da língua que deliberadamente se afastam do corrente e do utilitário. Quando intencionalmente exercitado, o lúdico pode auxiliar à exibição da língua em toda a sua riqueza semiótica. De facto, ao permitir a confluência, num mesmo plano ou situação, de elementos aparentemente incompatíveis ou pragmaticamente díspares, de acordo com determinados quadros de referência (Azevedo, 1995: 52), o lúdico pode constituir-se como meio para a materialização do pluri-isotópico e/ou do polisémico. Ora, são estes processos de estranhamento e de defraudar de expectativas, previamente construídas ou admissíveis, no âmbito de determinados quadros de referência, que permitem ao leitor, que interage com o texto, expandir e fertilizar a sua competência enciclopédica. De facto, concretizando a novidade semiótica, pela recusa intencional daquilo que materializa o convencional e o já-dito, os usos estéticos da língua possibilitam ao sujeito aumentar o seu conhecimento do mundo, adqui-

rindo concomitantemente um determinado saber-fazer que lhe possibilitará interagir, de forma mais profícua, com outros textos que, em consonância ou por um processo de corrosão, concretizem temas ou estilemas relativamente aos quais seja possível, dada a sua natureza dialógica, estabelecer relações de conexão.

O Gato e o Escuro do escritor moçambicano Mia Couto (2001a), ilustrado por Danuta Wojciechowska, constitui uma obra onde o carácter de novidade semiótica inerente à definição do texto enquanto entidade estética explicitamente se verifica. De facto, a recusa intencional de uma rotinação das experiências semióticas é claramente visível não só a nível do texto verbal, como também a nível da interacção semiótica deste com o texto visual. Aliás, a profunda interacção semiótica entre as múltiplas linguagens que consubstanciam este texto permite que o leitor, independentemente das suas experiências de leitura,² se veja impelido a reorganizar permanentemente o seu horizonte de expectativas.

O título, unindo dois substantivos, um concreto e outro abstracto, aproxima realidades insólitas e, nesse sentido, configura-se como uma espécie de desafio interpretativo endereçado aos seus receptores. Este desafio é explicitamente retomado, no início da narrativa, por um narrador interveniente e omnisciente, o qual, numa clara atitude de proximidade afectiva com os seus leitores, se propõe explicar a metamorfose do pintalgato num gatinho preto.

A metáfora da passagem e, consequentemente, da aprendizagem/reconhecimento do Outro é aqui apresentada de forma bem explícita. Ao lado de cá, mundo da luz e da claridade, conhecido pelo

gatinho e pela sua mãe, contrapõe-se o “lado de lá” que, se constitui na perspectiva da mãe gato factor de aflição e representa, para o ser ainda em crescimento, o proibido, é para ele também factor de elevada curiosidade e desafio.³

O “além do pôr de algum Sol”, expressão que evidencia a perspectiva de um mundo concebido sempre em termos plurais, na acepção em que não regido exclusivamente por um único astro, representa a fronteira entre os dois mundos. E é esta transposição pelo ser em crescimento, que, desobedecendo, ousa dar o primeiro passo, que originará a sua metamorfose e constituirá, como enfatizou Maria de Fátima Albuquerque (2003), uma porta aberta para outras transgressões.

As inovações vocabulares, associando imagens que, à partida, não parecem ser compatíveis entre si, são uma constante e contribuem simultaneamente para expandir o leque de significações potenciais do texto, fertilizando a sua dimensão pluri-isotópica, e para ostensivamente apresentar uma singularização do acto perceptivo que intencionalmente recusa o estereótipo e o lugar-comum.

Por exemplo, a expressão “a imensa noitidão”, para além da presença do adjectivo, congrega em si dois substantivos (noite+solidão), que amplificam afectivamente os valores semântico-pragmáticos associados à experiência do gatinho.

Se o castigo pela desobediência parece concretizar-se numa perda de cor e, por via da sua co-fusão com a noite e com o escuro, numa perda de identidade, a narrativa encerra-se mostrando que o Outro, independentemente da sua cor, forma ou materialização, existe no interior de cada um e que, no colorido do mundo e naqueles que afectivamente nos são mais próximos, o escuro está lá com todo o seu direito e naturalidade. Neste sentido, pela

visão metafórica que é apresentada do escuro e das suas cores e pelos ritos de passagem/iniciação que a obra comporta, o *Gato e o Escuro* parece retomar algumas das vozes que polifonicamente pervivem em determinadas narrativas de carácter mítico.

Se a nível do texto verbal o jogo criativo da linguagem (o “brinciar”) se espelha com clareza, surgindo-nos numerosas expressões que, interrogando aquilo que é familiar, evidenciam o carácter nitidamente poético da linguagem,⁴ a nível do texto visual, a novidade semiótica é concretizada por determinados recursos de que a ilustração se socorre.

Numa das situações, por exemplo, a mancha tipográfica sugerida pelo movimento das palavras acompanha o movimento das linhas da ilustração, enfatizando a relação de solidariedade semiótica que une estes dois planos.

Noutra situação, a noite/o escuro é representado como um gato que se enrosca a dormir, reforçando as palavras escritas no texto e sugerindo, em complemento simbólico àquilo que se diz, que aquilo/aquele que não tem cor é também um ser semelhante ao que se define pelo colorido.

Noutros momentos, a ilustração transborda para além do espaço físico do livro. O corte repentino da folha cria uma expectativa no receptor, estimulando-o a virar rapidamente a página e fornecendo-lhe concomitantemente pistas para novas interpretações.

O sentimento de perda profunda do gato, expresso verbalmente pela tripla reiteração do verbo chorar no pretérito perfeito, em enunciados compostos apenas por uma forma verbal, a que se acrescenta, no último, a presença da copulativa “e”, é expandido pela ilustração: a imagem de um gato que chora por dentro e cuja expressividade da fisionomia e postura corporal é realçada pela linha

definidora da forma do gato e pelo uso complementar das cores.

No final da narrativa, a aflição do pintalgato é abafada: através do olhar da mãe, fortemente distinguido na ilustração pela aproximação do plano, a personagem verifica que, de facto, dentro de cada um há um escuro e que esse, depois de ter sido afectivamente materializado num ser semelhante ao protagonista desta narrativa, não pode continuar a ser factor de temor ou de receio.

O encerramento da narrativa faz-se por uma ilustração que ocupa as duas páginas da lombada interior e onde predominam as manchas e o amarelo, as mesmas cores claras e quentes com que já se iniciara a história, podendo sugerir a resolução dos conflitos e a reposição da ordem, entretanto abalada.

Neste sentido, o texto visual funciona como elemento constituinte de uma pré-leitura, contribuindo para antecipar o gosto de ler, e simultaneamente como elemento susceptível de expandir a polissemia do texto verbal: dotada de uma reduzida competência enciclopédica, dadas as suas poucas experiências de leitura, o texto visual ajuda a criança a compreender e a interpretar o texto, já que pelo forte poder sugestivo de toda a mancha tipográfica, ela é estimulada a desenvolver a sua imaginação e conhecimento do mundo.

Por se tratar de um texto dotado de uma elevada carga simbólica, no qual a inovação e a criatividade vocabulares, em complemento com o texto visual que com ele interage, expandem a natureza conotativa da mensagem, consideramos que ele poderá auxiliar o leitor, independentemente da sua idade, a encarar o escuro e tudo aquilo que representa, em última instância, o desconhecido, com um outro olhar.

Notas:

1 Comunicação elaborada no âmbito do projecto de investigação “Literatura Infantil e Educação para a Literacia”, em curso no LIBEC – Centro de Investigação em Literacia e Bem-Estar da Criança, da Universidade do Minho.

2 Esta é uma obra que, na acepção que lhe atribui Zohar Shavit (1986), se parece configurar como ambivalente. De facto, quer pela criatividade linguística que exhibe, quer pela presença de certas estratégias retórico-discursivas, quer ainda pelo apelo explícito a certos elementos paratextuais, esta obra parece prever simultaneamente um duplo leitor-modelo: o leitor criança e um leitor-modelo adulto.

3 “Namoriscando o proibido, seus olhos pirilampiscavam.”

A acção ainda não totalmente assumida, conferida pela utilização do verbo namoriscar é confirmada pela presença do neologismo pirilampiscar que, formado por aglutinação, amplifica, numa metáfora visual, os semas das suas palavras iniciais.

4 Numa entrevista dada ao Jornal de Notícias, em 8 de Junho de 2001, no âmbito da Feira do Livro do Porto, em resposta à pergunta do jornalista acerca do brincar com a língua, Mía Couto define essa sua faceta lúdica como “uma espécie de fractura” introduzida na escrita “para que ela deixe passar uma luz, uma outra maneira de ver a realidade” (Couto, 2001b).

Referências bibliográficas

AGUIAR E SILVA, Vítor M. de (1981) “Nota sobre o conceito de literatura infantil”, in SÁ, *A literatura infantil em Portugal. Achegas para a sua história (catálogo bibliográfico e discográfico)*. Braga: Editorial Franciscana, pp. 11-15.

ALBUQUERQUE, Fátima (2003) “As faces da metamorfose na obra infanto-juvenil de Mia Couto”, in AZEVEDO (Coord) *et al*, *A Criança, a Língua e o Texto Literário: da Investigação às Práticas. Actas do I Encontro Internacional*, Braga: Universidade do Minho-Instituto de Estudos da Criança, p. 304.

AZEVEDO, Fernando Fraga de (1995) *A teoria da cooperação interpretativa de Umberto Eco: entre a ordem e a aventura*, Porto: Porto Editora.

AZEVEDO, Fernando Fraga de (2003a) “Estudos literários para a infância e fomento da competência literária”, in CARVALHO, FREITAS, PALHARES e AZEVEDO (Org.) *Saberes e práticas na formação de professores e educadores. Actas das Jornadas DCILM 2002*, Braga: Departamento de Ciências Integradas e Língua Materna/ Instituto de Estudos da Criança, pp. 125-132.

AZEVEDO, Fernando Fraga de (2003b) “A Criança, a Língua e o Texto Literário: uma simbiose imprescindível para a consecução de um projecto educativo”, in AZEVEDO (Coord) *et al*, *A Criança, a Língua e o Texto Literário: da Investigação às Práticas. Actas do I Encontro Internacional*, Braga: Universidade do Minho – Instituto de Estudos da Criança, pp. 8-11.

COUTO, Mia (2001a) *O Gato e o Escuro*. Ilustração de Danuta Wojciechowska, Lisboa: Caminho.

COUTO, Mia (2001b) “Brincar com a língua”, in *Jornal de Notícias*. Porto: 8 de Junho de 2001. *Noticiário cultural (Arquivo) – Instituto Camões*: <http://www.instituto-camoes.pt/arquivos/literatura/miapremiomario4.htm> (28.09.2003)

MENDOZA FILLOLA, Antonio (1999) “Función de la literatura infantil y juvenil en la formación de la competencia literaria”, in CERRILLO & GARCÍA PADRINO (Coord.) *Literatura infantil y su didáctica*, Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, pp. 11-53.

MENDOZA FILLOLA, Antonio (2003) “El proceso de lectura. Las estrategias”, in CERRILLO & SANTIAGO YUBERO (Coord.) *La formación de mediadores para la promoción de la lectura. Contenidos de referencia del Máster de Promoción de la Lectura y Literatura Infantil*, Cuenca: Centro de Estudios de Promoción de la Lectura y Literatura Infantil (CEPLI) de la Universidad de Castilla-La Mancha, pp. 183-199.

SÁNCHEZ CORRAL, Luis (1995) *Literatura infantil y lenguaje literario*, Barcelona-Buenos Aires-México: Paidós.

SÁNCHEZ CORRAL, Luis (2003) “El texto y la competencia literaria infantil y juvenil”, in CERRILLO & SANTIAGO YUBERO (Coord.) *La formación de mediadores para la promoción de la lectura. Contenidos de referencia del Máster de Promoción de la Lectura y Literatura Infantil*, Cuenca: Centro de Estudios de Promoción de la Lectura y Literatura Infantil (CEPLI) de la Universidad de Castilla-La Mancha, pp. 171-182.

SHAVIT, Zohar (1986) *Poetics of children's literature*, Athens-London: The University of Georgia Press.